



A língua na leitura de G. Trakl por M. Heidegger ¹

Alan Victor Meyer*

*À memória de Sonia Azambuja
que escutava os poetas.*

Uma Noite de Inverno²

Quando a neve cai na janela,
Longamente soa o sino das vésperas
A casa está bem provida,
A mesa para muitos posta.

Mais que um errante,
Chega à porta por caminhos obscuros.
Dourada floresce a árvore das graças
Da seiva fresca da terra.

O errante adentra em silêncio;
A dor petrificou a soleira.
Lá resplandece em claridade pura
Sobre a mesa pão e vinho.

Como lidamos com o poema? A maneira habitual seria seguir alguma forma estabelecida pela crítica literária, pela análise filológica ou seguir a ideia romântica de linguagem como expressão de sentimentos e de visões humanas do mundo. A questão que Heidegger se coloca é justamente como quebrar essas determinações. Para ele, o poema é um falar do qual nos aproximamos e escutamos deixando-nos levar por sendas inesperadas.

Ele diz que “A língua fala”. O que ela pode dizer quando não há ninguém falando? Uma de suas respostas seria ouvir o poema de Georg Trakl, como em outros textos ele se dedica a ouvir Hölderlin, Rilke e Stefan George.

**Quando a neve cai na janela,
Longamente soa o sino das vésperas**

Wenn der Schnee ans Fenster fällt,
Lang die Abendglocke läutet,
Vielen ist der Tisch bereitet
Und das Hausistwohlbestellt.

Mancherauf der Wanderschaft
Kommtans Tor auf dunklenPfadern.
Golden blüht der Baum der Gnaden
Aus der Erdekühlem Saft.

Wanderer tritt still herein;
Schmerz versteinerte die Schwelle.
Da erglänzt in reiner Helle
Auf demTischeBrot und Wein.

66

* Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Engenheiro pela Escola Politécnica, USP, Bacharel em Filosofia, USP e Psicólogo Clínico pela PUC-SP.

¹ Este artigo é uma apresentação do primeiro capítulo do livro *Unterwegs zur Sprache (A caminho da fala)*, de Martin Heidegger, intitulado *Die Sprache*. Aqui está traduzido por “A língua”, acompanhando a tradução inglesa, outras traduções preferem o termo Fala, como no francês *La Parole* e no espanhol *El Habla*. Em nota de rodapé da edição francesa vemos o seguinte comentário quanto à tradução por *La Parole*: “Este termo alemão serve para designar o que nós nomeamos a língua. A razão principal dessa opção é que não existe em francês [como também em português] nenhum verbo próximo ao substantivo *langue* – enquanto que *Die Sprache* é pelo contrário o substantivo que deriva do verbo *sprechen: parler* (falar)” (Heidegger, 1976, p. 11). Usamos como texto de referência a tradução inglesa, cuja paginação indico no texto.

² A tradução do poema é minha, *faute de mieux*, pois não encontrei nenhuma tradução estabelecida.





Esse falar “nomeia (*nennt*) a neve que silenciosamente atinge a janela na tarde do dia que se esvai, enquanto ressoam os sinos das vésperas” (Heidegger, 1971, p. 198). Não é o conteúdo do que é dito que interessa Heidegger, mas o nomear que ocorre no poema. E ele pergunta: “O que é nomear?”. “Este nomear”, diz ele, “não distribui títulos. Não aplica termos, mas chama para dentro da palavra. O nomear chama. O chamamento torna mais próximo o que é chamado” (Heidegger, 1971, p. 198). Com essa colocação, nosso autor renuncia a toda forma de determinação da palavra. Dessa renúncia ele trata na sua conferência sobre o poema de Stefan Georg, “*Das Wort*” (“A Palavra”) (Heidegger, 1982, p. 139), cujas duas linhas finais dizem:

**So lernt ich traurig den verzicht:
Kein ding sei wo das wort gebricht.**

**Assim aprendi triste a renúncia:
Nenhuma coisa seja onde se rompe a palavra.**

O sentido forte da renúncia à qual Heidegger se refere é o abandono de todas as formas habituais de tratar a linguagem, seja ela gramatical, lógica ou performativa. Na renúncia há um luto, caracterizado pela tristeza, que acompanha a descoberta da perda, mas, ao mesmo tempo, abre a disponibilidade para outras dimensões da língua.

“O nomear chama” (*Das Nennenruft*), o termo *ruft* situa a linguagem não no âmbito da assertiva, mas do chamamento diante do qual é o que se põe e tem prevalência e não o retorno àquele que chama. Aquele que chama é sempre o Outro inacessível. O toque aqui é de estranhamento, de *unheimlich*.

**A casa está bem provida,
A mesa para muitos posta.**

Esses versos parecem afirmações no presente, mas não diz Heidegger, eles falam no modo do chamamento. “Trazem a casa bem provida e a mesa posta para a presença em relação a algo ausente” (Heidegger, 1971, p. 199) Trata-se de uma presença abrigada no coração da ausência. O que é assim trazido pelo dito é um convite. Convida as coisas a chegarem para poderem se voltar em direção aos homens.

² A tradução do poema é minha, *faute de mieux*, pois não encontrei nenhuma tradução estabelecida.

A neve que cai traz os homens sob o céu escurecendo
ao anoitecer. O ressoar do sino traz os homens





diante do divino. Casa e mesa juntam os mortais à terra. Essas coisas nomeadas-chamadas reúnem a si céu e terra, mortais e divindades. Os Quatro estão numa primordial unidade, uns em relação aos outros constituindo o quaterno (*das Gevierte*).³ (Heidegger, 1971, p. 199).

Heidegger fala aqui da estada no recolher, no reunir que permite o ser coisa das coisas (*Das Dingen der Dinge*), e é isso que ele chama de gestação do mundo. Assim, essa primeira estrofe não só nomeia as coisas, mas também chama “os muitos” que são os mortais que pertencem ao quaterno do mundo.

A segunda estrofe fala de outra maneira ao chamar e nomear os mortais:

**Mais que um errante,
Chega à porta por caminhos obscuros.**

“Aqui nem todos são chamados, apenas alguns que viajam por caminhos obscuros. Estes mortais podem suportar o morrer (*das Sterben*) na errância até a morte” (Heidegger, 1971, p. 200). Estes devem, antes, procurar casa e mesa, não primariamente para si mesmos, mas para os muitos, “pois estes creem que, meramente instalados em em suas casas e sentados à suas mesas, estão já aprovisionados e condicionados pelas coisas (*Schon Von den Dingenbe-dingt*) e que alcançaram sua morada” (Heidegger, 1971, p. 200)

Os dois versos seguintes da segunda estrofe nomeiam algo totalmente distinto:

**Dourada floresce a árvore das graças
Da seiva fresca da terra.**

A árvore firmemente enraizada no solo cresce e abre-se em flor na graça do céu. Ela vai do êxtase da florescência à sobriedade da seiva nutriente. “O poema nomeia a árvore das graças. Sua florescência resguarda o fruto imerecido: o sagrado que salva e que é favorável aos mortais” (Heidegger, 1971, p. 201). Aqui também reinam céu e terra, divinos e mortais na sua unidade do quaterno (*Das Gevierte*), que é o mundo. “Mundo aqui não tem o sentido metafísico, não nomeia nem a representação secularizada do universo da natureza e da história, nem a representação teológica da criação e nem a totalidade do presente (cosmos)” (Heidegger, 1971, p. 201).

3 Quaterno, vem do latim *quadrum* e refere-se ao quatro. “Mas Heidegger usa um termo mais falante: *das Gevierte*, onde se entende certamente quatro – mas onde os quatro, de imediato, são reunidos sobre aquilo que os mantém unidos (*Ge-*)” (Heidegger, 1976, p. 24).





O ser mundo do mundo não é um sistema de identidades, mas um jogo de diferenças em que cada elemento do quaternário chega a si como algo singular e estranho. A língua fala (*die Sprachspricht*) tem um paralelo na formulação “*Das Dingen der Dinge*”, algo como “o coisar da coisa”⁴, esbarramos aqui na dificuldade da tradução. O que nosso autor visa com isso é privar a coisa de sua substância como uma entidade subsistente.

Heidegger lembra Píndaro para dar conta do dourado com que começa esses dois últimos versos. Ele a resume na seguinte frase “O resplandecer do ouro resguarda toda presença no desvelamento de seu aparecer” (Heidegger, 1971, p. 201) “O chamar confia o mundo às coisas e simultaneamente sustenta as coisas no esplendor do mundo” (Heidegger, 1971, p. 202) É uma dádiva da árvore das graças. Assim, essas duas estrofes solicitam às coisas que venham ao mundo e ao mundo que venha às coisas.

A seguir, o autor prossegue na complexa relação entre mundo e coisa, pois

[...] estes não subsistem um ao lado do outro. Atravessam-se mutuamente. E assim atravessam um Meio (*Mitte*). Nesse Meio eles são um. No um, eles são íntimos. O meio entre eles é a intimidade. O Meio entre dois, nosso idioma alemão chama “*zwischen*”, entre. Mas a intimidade entre mundo e coisa não é fusão... no entre mundo e coisa, no seu inter, a divisão prevalece: uma diferença (*Unterschied*). (Heidegger, 1971, p. 202)

Esse termo tem uma longa história na filosofia moderna, especialmente em J. Derrida, no que veio a ser conhecido como desconstrucionismo. Mas, para Heidegger, a diferença está relacionada nessa conferência sobre a linguagem, a mundo e coisa, onde ambos devem ser entendidos como acontecimentos (*Ereignis*) e não como entidades. Aqui, o termo diferença tem um uso único e que não pode ser conceituado de modo habitual. O seu uso é extremamente complexo e é utilizado numa variedade de contextos seja em relação à *diaphora*, ao acontecimento (*Ereignis*) e à dimensão. Assim fazendo, Heidegger bloqueia qualquer possibilidade de reduzir a diferença a uma unidade conceitual. A própria maneira pela qual o autor procede é caracterizada por uma errância que o pensamento metódico suprime. Seria vão querer dizer qual o sentido do termo, pois ele só o tem no próprio texto, que convida o leitor a acompanhar.

4 Talvez “o interminável vir a ser das coisas” permita uma certa aproximação dessa expressão, que verbaliza o substantivo.





“A primeira estrofe do poema convida as coisas a virem, ao ‘coisar’ que sustenta o mundo. A segunda estrofe convida o mundo a vir, ao ‘mundear’ que consente as coisas. A terceira estrofe convida o meio a vir para mundo e coisa: o realizar da intimidade. Assim a terceira estrofe começa com o chamamento enfático” (Heidegger, 1971, p. 203):

O errante adentra em silêncio;

“O verso chama o errante que se adentra no silêncio⁵. É o silêncio que domina a porta. Repentina e estranhamente o chamado ressoa” (Heidegger, 1971, p. 203):

A dor petrificou a soleira.

“Esse verso fala solitariamente no que é dito em todo o poema. Ele nomeia dor. Que dor? O verso só diz dor. De onde e em que medida é a dor chamada?” (Heidegger, 1971, p. 203).

Só esse verso está no passado e nomeia algo que persiste e já persistiu.

É apenas transformando-se em pedra que a soleira pode se presentificar.

A soleira consiste na viga que sustenta o portal como um todo. Ela sustenta o meio no qual os dois, o fora e o dentro, penetram um ao outro. A soleira sustenta o entre (*Zwischen*). A confiabilidade do meio não deve ceder em nenhuma direção. Para tanto, precisa resistir e nesse sentido é dura. A soleira que sustenta o entre, é dura porque a dor a petrificou. [...] A dor se faz presente de modo inquebrantável na soleira, como dor. (Heidegger, 1971, p. 204)

“Mas o que é a dor? A dor dilacera. Ela é a fenda. (*Der Schmerz reisst. Erist der Riss*)” (Heidegger, 1971, p. 204). Ao mesmo tempo que separa, ela reúne. O termo alemão *Riss*, aqui traduzido por fenda, poderia ser hiato, abismo, e também a conotação de esboço, desenho (*Aufriss*) que mantém junto o que é mantido separado. A dor é a juntura da fenda. E a juntura é a soleira. E a dor junta a fenda da diferença. A dor é a própria diferença. (*Der Schmerz der Unter-Schiedselbst*)” (Heidegger, 1971, p. 204). Heidegger faz questão de lembrar que não devemos imaginar a dor antropologicamente, como uma sensação

⁵ O termo alemão *Stille*, além de silêncio, também significa quietude.





que causa aflição, nem devemos pensar a intimidade psicologicamente, como sentimentalidade que cria um ninho para si.

“A dif-ferença presencia já como a presença recolhida, a partir da qual apropriadamente acontecem mundo e coisa. Mas como?” (Heidegger, 1971, p. 205).

**Lá resplandece em claridade pura
Sobre a mesa pão e vinho.**

A pura luz resplandece na soleira ao acomodar a dor.

A fenda (*Riss*) da dif-ferença (*Unter-Schied*) faz a claridade pura brilhar. A juntura luminosa decide pelo iluminar do mundo no que tem de próprio. O dilacerar da dif-ferença libera o mundo para o “mundear” que concede as coisas. Ao clarear o mundo no resplandecer dourado, pão e vinho ao mesmo tempo alcançam seu próprio brilhar. [...] Pão e vinho são os frutos do céu e da terra, oferendas dos deuses aos mortais. Pão e vinho reúnem esses quatro na unidade simples do quaterno (das *Gevierte*). (Heidegger, 1971, p. 205)

Heidegger então resume essa terceira estrofe: “Chama mundo e coisa ao meio de sua intimidade. A sutura que junta sua mútua pertinência é a dor” (Heidegger, 1971, p. 205) Feito todo esse acompanhamento, dedicará a escuta do poema ao aprofundamento do tema dessa conferência “A língua” (*Die Sprache*).

O chamamento primordial, que invoca a intimidade do mundo e coisas a virem é a autêntica invocação. A invocação é a essência⁶ da fala. O falar ocorre no que é dito no poema. A língua fala (*Die Sprachspricht*). Fala invocando o invocado, coisa-mundo e mundo-coisa, a virem para o entre da dif-ferença. (Heidegger, 1971, p. 206)

A seguir, Heidegger se pergunta pelo silêncio e quietude (*Stille*) e aponta que não é meramente a ausência de som ou movimento. O termo que ele introduz é *Ruhe*, repouso, e salienta que a dif-ferença deixa o “coisar” das coisas repousarem no “mundear” do mundo. Salienta que no repouso há mais movimento que em qualquer movimento. E, a seguir, diz que o soar

6 O Essência para Heidegger nunca é *quiditas*, mas *Wesen*, que se refere tanto a natureza de algo, como o modo pelo qual algo se manifesta. É um termo complicado no pensamento de Heidegger e pode ser usado tanto em sua forma substantiva como verbal.





(*Lauten*) é o que reúne e que esse soar é mais do que a propagação de uma onda sonora. Podemos pensar no soar do sino das vésperas do poema que, mesmo produzindo som, faz o silêncio soar de modo audível ao ponto de podermos escutá-lo.

“A língua fala como o soar do silêncio [...] a língua, o soar do silêncio, é na medida em que ocorre a diferença” (Heidegger, 1971, p. 207). E mais adiante: “Esse soar do silêncio não é nada humano. Pelo contrário, o ser humano é falante. E falante significa aqui: levado à sua propriedade pelo falar da língua” (Heidegger, 1971, p. 208). “O ser humano é, assim, entregue à língua e tal apropriação torna-se propriedade na medida em que o sendo da fala – o som do silêncio – necessita e põe em uso a fala dos mortais para poder soar como o som do silêncio a seus ouvidos” (Heidegger, 1971, p. 208).

Heidegger, ao dizer que o soar do silêncio não é humano, está afirmando também que a língua é algo totalmente estranho ao humano. Com isso, podemos supor que a língua é de fato um outro, uma alteridade radical. Mas, enquanto mortais somos algo linguístico (*sprachlich*), no sentido de sermos conduzidos ao que nos é próprio pelo falar da língua. O próprio humano é algo estranho devido a um estranho anterior, que é essa alteridade da própria língua à qual somos apropriados. Mas o que é a poesia? Ele diz:

O que é invocado na fala dos mortais é o que é falado no poema. A poesia, propriamente dita, não é nunca meramente algo mais elevado do que a fala cotidiana. Pelo contrário, é antes a fala cotidiana um poema esquecido e esgotado pela usura, do qual mal se consegue ouvir um chamado. (Heidegger, 1971, p. 209)

Podemos concluir que não há nenhuma diferença formal entre a fala cotidiana e a poesia, já que é apenas o resultado do desgaste sofrido. A poesia também não pode ser vista como expressão do interior do homem, pois a fala dos mortais não repousa em si mesma. A questão da poesia tem a ver com o falar da língua (*Die Sprache spricht*).

Para terminar, nosso autor salienta que nossa relação com a língua é uma relação de escuta (*Hören*).

Os mortais falam na medida em que escutam. Estão atentos à invocação do mandato do silêncio da





dif-ferença, mesmo que não o conheçam. A escuta depreende-se da injunção da dif-ferença que conduz à sonoridade da palavra (*lautende Wort*). Este falar que escuta e aceita é responder (*Ent-sprechen*). (Heidegger, 1971, p. 209)

Com esse dizer vemos que não há separação possível entre o falar e o escutar, não podem ser separados analiticamente como atos de um sujeito.

“O homem fala na medida em que responde à língua. Esse responder é um escutar. Ele ouve porque escuta a injunção do silêncio” (Heidegger, 1971, p. 210). Aqui chegamos ao fim do texto e Heidegger propõe mais uma vez a leitura de “Uma Noite de Inverno”, de Gorg Trakl, pois é no poema que a língua fala. Terminado esse percurso, talvez possamos pensar a poesia (*Dichten*) como nosso pertencimento à língua e à sua escuta, abrindo-nos ao mistério do aberto.

Nada do que aqui foi dito fica claro em termos explicativos, pois nosso autor foge de explicações e o essencial é a escuta e uma experiência (*Erfahrung*) com a língua. Esse é o primeiro de seis textos que compõem seu livro *A caminho da fala* (*Unterwegs zur Sprache*) e é o mais curto. É preciso percorrer todos os textos do livro para, aos poucos, ir apreendendo para onde nos conduzem. Acompanhei esse texto de perto, daí tantas citações, pois queria que estivesse presente o estranhamento que provoca. Espero que sirva, pelo que há de enigmático, para provocar o interesse e a curiosidade por essa visada que muda o que entendemos habitualmente por língua e pensar.

Enquanto analistas, temos muito em que nos inspirar nesses textos, pois vão na contramão de tudo o que caracteriza a nossa época. O próprio teorizar psicanalítico ainda procura fundamentar-se no âmbito da metafísica e da ciência, onde a linguagem é reduzida à objetividade da comunicação, o que para Heidegger é trágico, por impedir uma experiência fundamental com a palavra e a fala que surge do lado poético. Entre nós, num curso memorável sobre “Linguagem e Psicanálise”, P. Fédida tomou como base para suas considerações o livro de Heidegger *A caminho da fala*. Ele terminou esse curso falando a respeito da importância de os psicanalistas frequentarem os poetas. Num texto seu, “O sítio do estrangeiro” (Fédida, 1992, p.51) ao falar da situação analítica como um lugar, nomeia-o como o sítio do estrangeiro,





[...] que nela descobre a fala quando esta se surpreende escutando aquilo que diz. Considerando-se que Haidegger fala de um sítio do Dito Poético (*Die Spracheim Gedicht*), é possível conceber esse sítio do estrangeiro como a “ponta de lança” onde “tudo vem se encontrar” em recolhimento “e mantém em guarda aquilo que ele traz” para animar “de transparência e de trans-sonância o que é recolhido e somente através disso liberá-lo em seu ser próprio. (Fédida, 1992, p. 61).

E Fédida (1992, p. 61) continua:

Seria certamente arriscado tomar como poética a fala do paciente, considerando-se, então, que a ele caberia o sítio do Dito, tal como Heidegger o revela no poema de George Trakl. Ao evocar o sítio do estrangeiro, fazemos apelo menos a uma função da regra analítica ou a uma figura ética do analista, do que ao ato de escutar como recurso da linguagem próprio à fala nas palavras usuais da língua.

Fédida foi dos poucos que viram a riqueza desses textos tardios de Heidegger para pensar a linguagem na psicanálise; sua morte prematura impediu a continuidade dessas reflexões. Espero que estas poucas notas possam incentivar os que ainda estão dispostos à errância pelo estranho.



Heidegger, M. (1971). Language. In M. Heidegger. *Poetry, language, thought*. (Albert Hofstadter, trad.). New York: Harper & Row. (Obra original In *Unterwegs zur Sprache* (1959), Pfullingen, Verlag Günther Neske).

_____. (1976). *Acheminement vers la parole*. (Jean Beaufret, trad.). Paris: Gallimard. (Obra original In *Unterwegs zur Sprache* (1959), Pfullingen, Verlag Günther Neske).

_____. (1982). Words. In M. Heidegger. *On the way to language*. (Peter D. Hertz, trad.). New York: Harper & Row. (Obra original In *Unterwegs zur Sprache* (1959), Pfullingen, Verlag Günther Neske).

REFERÊNCIAS



Fédida, P. (1992). O sítio do estrangeiro. In Luís C. Menezes (Org.). *Nome, figura e memória*. (Martha Gambini e Claudia Berliner, trad.). São Paulo: Escuta.

RESUMO | SUMMARY

A língua na leitura de G. Trakl por M. Heidegger Este artigo procura dar uma ideia de como Heidegger trata a questão da língua na sua obra tardia. Para tanto, apresenta o primeiro capítulo do seu livro *A caminho da língua*, intitulado “A língua”. Para Heidegger, a “língua fala”, e essa dimensão é mostrada na escuta do que é dito no poema de Georg Trakl “Uma noite de inverno”. | *Language: the reading of G. Trakl by M. Heidegger* This paper tries to convey an idea on how Heidegger deals with the issue of language in his later work. For this, it presents the first chapter of his book *On The Way to Language*, entitled “Language”. According to Heidegger, “Language speaks”, and this dimension is shown by listening to what is spoken in Georg Trakl’s poem “A Winter evening”.

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

Língua. Poesia. Silêncio. Coisa. Mundo. | *Language. Poetry. Silence. Thing. World.*

108

ALAN VICTOR MEYER

Rua João Moura, 647/132
05412-911 – São Paulo – SP
tel.: 11 3062-9810
avmeyer@uol.com.br

RECEBIDO 18.10.2011
ACEITO 28.10.2011

